

> O fluxo de consciência com a retórica irônica em “Uma sociedade” de Virginia Woolf

> The stream of consciousness with ironic rhetoric in Virginia Woolf's “A society”

por Alessandra Coely Bertulino Cavalcanti

Graduada em Letras - Língua Inglesa pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Professora de inglês há dez anos. E-mail: alessandrabc71@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7790-3804>

Resumo

O percurso educacional feminino, apesar de burocrático e lento, guiou mulheres à repercussão de suas obras ainda que em tempos pouco amigáveis dentro de uma sociedade patriarcal. Fazer-se ouvida e permitir que personagens sejam igualmente ouvidas posiciona Virginia Woolf como pioneira e referência da escrita modernista feminista, destacando-se pelo uso do Fluxo de Consciência. Observamos através de uma revisão bibliográfica como a autora utiliza da técnica combinada com sua retórica às críticas machistas direcionadas ao seu trabalho. Para tal, analisamos como a autora traz o leitor ao encontro dos sentimentos e às perspectivas das personagens de forma íntima, proporcionando ao leitor um misto de devaneios através da fortuna crítica presente no conto aqui analisado.

Palavras-chave: Fluxo de Consciência. Retórica. Escrita modernista. Crítica Social.

Abstract

Women's educational path, even though slow and bureaucratic, led women to repercussion of their works during difficult times inside a patriarchal society. Making herself being heard and the characteristic of allowing her characters to be heard as well, places Virginia Woolf as a pioneer and a reference of the modernist feminist writing, standing out of her use of the Stream of Consciousness. Through this bibliographic analysis we observe how the author uses the combined writing technique to her rhetoric to the sexist criticism directed at her works. For that matter, we analyze how the author brings the reader to the characters' feelings in an intimate way, sharing a mix of thoughts through a critical fortune presented in this study.

Key-words: Stream of Consciousness. Rhetoric. Modernist writing. Social criticism.

> Artigo recebido em 17.02.2022 e aceito em 19.05.2022.

1. Introdução

A escrita literária apesar de atemporal segue fatores empíricos refletindo a época em que é escrita, apresentando diferentes teorias e estilos, compactuando com a realidade vivida ao longo da história. Desde o trovadorismo, passando por inúmeras vertentes ao longo do tempo como o classicismo, romantismo, realismo, entre outros, o presente trabalho traz observações com base no modernismo do século XX, momento histórico que acompanhou e refletiu a globalização do mundo moderno.

Tendo como ponto de partida os estudos do modernismo como vertente literária, suporte para a obra aqui analisada, este trabalho busca desenvolver uma observação acerca do uso do método Fluxo de Consciência, através dos estudos do conto *Uma sociedade* escrito por uma das pioneiras no uso do método e da escrita crítica feminina, Virginia Woolf.¹ Acerca da criação do termo Fluxo de Consciência marcamos James, psicólogo o qual, ao longo dos anos, inspirou vertentes de estudos acerca do tema, tal qual na literatura. Para tal, nosso suporte teórico dá-se através de Humphrey, pioneiro nos estudos do método atrelado a obras literárias e Daiches, crítico literário estudioso das obras de Woolf.^{2 3} Além disso, atrelamos os estudos do método em questão à vertente literária modernista, observando, também, a retórica irônica por parte de Woolf em resposta às críticas sexistas direcionadas ao seu trabalho.

Baseado em recentes estudos acerca da literatura feminina na vertente modernista, o que nos inspirou à escrita deste trabalho foi a observação da constante crítica social proveniente de uma cultura patriarcal para com obras escritas por mulheres, refletindo paradigmas histórico-culturais do século passado. Observações relacionadas ao contexto histórico da educação direcionadas a mulheres, assim como aspectos culturais limitantes, também foram objetos de análise na escrita deste artigo.

Sendo assim, este trabalho busca servir como guia para estudos do método do Fluxo de Consciência, servindo também como comparativo crítico para estudos relacionados ao sexismo recorrentes no século XX e na atualidade. Além disso, temos como objetivo a investigação a respeito do uso do Fluxo de Consciência em obras literárias, sendo essas facilitadoras da compreensão e

¹ Virginia Woolf, *Uma Sociedade*, 2021.

² Robert Humphrey, *Stream of consciousness in the modern novel*, 1954.

³ David Daiches, *Virginia Woolf: The markers of modern literature*, 1942.

conexão do leitor com a mente, com os sentimentos e com a realidade das personagens.

Dessa forma, o objetivo geral deste trabalho consiste em apresentar as motivações da escrita da autora modernista em meio a adversidades de uma sociedade patriarcal, desenvolvendo-se como obra necessária para ascensão e conscientização de ideologias feministas. Como objetivo específico, buscamos analisar e relacionar respostas às críticas sociais com a ironia da obra em questão, através da observação e conexão com os sentimentos, realidades e pensamentos das personagens da obra aqui estudada através do uso do recurso textual de Fluxo de Consciência.

2. Um olhar sobre a história

O percurso histórico acerca da desigualdade de gênero permeia e reflete o atual cenário social no que concerne a desigualdade entre homens e mulheres. O pensamento e realidade de uma sociedade patriarcal ainda é algo inerente a todos os seres sociais, visto a remanência nas instituições sociais. O que pouco se discute e se tem compreensão, levando em consideração a sociedade como um todo, é como a incontestável discrepância na educação direcionada a homens e mulheres ao longo da história, reflete na sociedade atualmente. De acordo com Mitchell, o patriarcado, “como outras ideologias, é instilado por meio da socialização e mantido por métodos institucionais”⁴.

O percurso da educação para mulheres ao longo da história foi marcado pela desigualdade em tempo, conteúdo, oportunidades e, acima de tudo, pela subestimação e limitação do indivíduo feminino como inferiormente inteligente. O ensino para mulheres por muitos anos foi dado somente em casa, de forma básica, ensinando as mulheres a ler e a escrever. Os principais focos de ensino, no entanto, eram os afazeres domésticos e os modos comportamentais necessários para a representação social. Fernando de Azevedo sintetiza a situação histórica em seu livro “*A transmissão da cultura*”, quando diz que:

A mulher, essa tratada geralmente com superioridade pelo marido, quase senhor em relação à própria esposa, enclausurada na casa grande e nos

⁴ “Like other ideologies, it is instilled through socialisation and maintained by institutional methods” (J Mitchell apud Roberta Hamilton, *The liberation of women: A study of patriarchy and capitalism*, 2012, tradução minha)

sobrados, sufocada na sua personalidade, consagrava-se aos misteres da casa e ao cuidado dos filhos⁵.

Leis portuguesas trazem o sexo feminino como *imbecilitus sexus*, ou sexo imbecil, sendo composto por mulheres, crianças e pessoas com doenças mentais. Essa segregação posicionou a mulher como ser de procriação e devoção à família, e nunca como ser pensante.

Na metade do século XIX, com a revolução industrial, as mulheres começam a ocupar mais espaços na cidade trabalhando em fábricas, escritórios e lojas. A movimentação e representação feminina no trabalho fora de casa foram cruciais na urgência por uma educação feminina menos retrógrada e minimamente focada na inserção da mulher no mercado de trabalho. Dessa forma, as mulheres começaram, em passos lentos, a ter oportunidades de estudo em instituições de ensino básico.

O ingresso ao ensino superior foi uma das árduas lutas femininas e, somente no fim do século XIX, as mulheres puderam finalmente ingressar nas universidades, ainda que de forma não igualitária e burocrática em que se fazia necessária a autorização dos pais ou do marido. As mulheres podiam se formar e atuar em áreas que até o presente cenário são associadas a cargos femininos, como o magistério, por serem julgadas com capacidade “natural” para a ternura e cuidados para com o próximo.

Após conquistarem espaço de forma tímida nas instituições de ensino superior, seja devido ao julgamento social ou pela burocracia a elas impostas, o cenário feminino progrediu no campo da educação somente a partir do século XX. Conquistando títulos de mestras e doutoras e movendo uma enorme força na área acadêmica, tanto como estudantes quanto como profissionais, essa movimentação educacional deu cada vez mais espaço às vozes femininas clamantes pela igualdade de gênero, além de um grande impulso na chamada primeira onda feminista, onde mulheres se uniam e reivindicavam pelos seus direitos e pela sua voz, incluindo direitos por uma educação mais igualitária.

3. A voz feminina

O capitalismo evidenciou publicamente a opressão sofrida pelas mulheres nas atividades laborais e no julgamento social como “mal necessário”, em que elas

⁵ Fernando de Azevedo, *A transmissão da cultura*, 1976, p. 20

acumulavam jornadas extenuantes em seus trabalhos assalariados e nos seus trabalhos domésticos. Ana Carolina Brandão Vazquez, em sua pesquisa intitulada “*A classe nos une, o gênero nos divide: Imbricações entre patriarcado e capitalismo*” traz que:

[...] esta opressão e exploração é aprofundada com o surgimento do modo de produção capitalista, é anterior a ele. Nesse sentido, patriarcado e capitalismo se conjugam agudizando a opressão e exploração sobre as mulheres especificamente. Se no capitalismo a exploração recai sobre a classe trabalhadora, alijada dos meios de produção, no caso das mulheres, soma-se a isso a opressão advinda do patriarcado⁶.

No entanto, a voz feminina por igualdade precisava ecoar cada vez mais alto e alcançar cada vez mais aliados em sua luta. Dessa forma, campos intelectuais ocupados majoritariamente por homens como a literatura e a política foram dando espaço às vozes femininas. Não obstante, a aceitação social foi árdua e a realidade era baseada em críticas e subestimação quanto às obras e feitos de mulheres. Diversas obras de escritas femininas impulsionaram um pensamento crítico no que diz respeito à histórica concepção de inferioridade intelectual feminina em uma realidade em que “desejam contestar os modos culturais dominantes (patriarcado, capitalismo, humanismo, etc.), ao mesmo tempo sabendo que não pode se desembaraçar completamente deles”⁷.

Ainda que em um ritmo de escrita e publicação incomparavelmente distinto em quantidade e credibilidade de obras escritas por homens, obras femininas começam lentamente a ganhar atenção dos olhos e mentes revolucionárias. Essa atenção também atrai as críticas e julgamentos de uma sociedade pouco familiarizada com a voz da mulher começando a ecoar na literatura, espaço em que, até então, era exclusivamente masculino.

Com o avanço da globalização e as formas de arte sendo moldadas à sociedade moderna, a literatura ganha a ruptura de antigos paradigmas e proporciona cada vez mais liberdade em sua estética, originando então a vertente modernista.

A experimentação da linguagem começou a dar espaço ao novo e técnicas narrativas como o Fluxo de Consciência e o monólogo interior, influenciados pela psicanálise e com objetivo de evidenciar os pensamentos e sentimentos das personagens em um nível pré-verbal, ganharam enfoque. A expressão e utilização

⁶ Ana Carolina Brandão Vazquez, *A classe nos une, o gênero nos divide: Imbricações entre patriarcado e capitalismo*, 2018, p. 136.

⁷ Linda Hutcheon, *A incredulidade a respeito das metanarrativas: articulando pós-modernismo e feminismos*, 2002, p. 2.

do método do Fluxo de Consciência destacam importantes nomes como pioneiros, entre eles James Joyce, Clarice Lispector e Virginia Woolf, autora feminista principal na inspiração e análise deste trabalho.

4. Fluxo de consciência e Virginia Woolf

O Fluxo de Consciência foi originado da psicologia por William James em 1979 com o termo *Stream of consciousness*, em que considera o fluxo dos pensamentos, sendo um pensamento direcionador a outro, e ainda que interrompido, “o pensamento de algum modo continua”⁸. Sendo assim, há uma sequência de racionalidade interligada.

No que diz respeito à literatura, o Fluxo de Consciência é um movimento modernista que traz a ideia de James para uma análise de obras de literárias que têm como foco a *psique* humana das personagens. Robert Humphrey define

[...] o Fluxo de Consciência ficcional como um tipo de ficção no qual a ênfase básica está na exploração dos níveis de consciência pré-discursivos, com o propósito, principalmente, de revelar o ser psíquico dos personagens⁹.

Ainda segundo Humphrey, o Fluxo de Consciência lida com o que está abaixo da superfície da mente como sensações, memórias, sentimentos, concepções e imaginação, e, na literatura é dividido em quatro técnicas de uso, sendo: o monólogo interior direto, o monólogo interior indireto, o solilóquio e a descrição onisciente. Para este trabalho, focaremos no uso do monólogo interior indireto, predominantemente utilizado por Virginia Woolf no conto em análise deste artigo. A narrativa do conto, não sendo uma obra de um personagem só, perpassa por outros personagens ao longo da história através do uso do monólogo interior.

O monólogo interior, seja direto ou indireto, expressa o que está muito próximo ao inconsciente da personagem. No monólogo interior indireto, essa expressão do pré-verbal é apresentada pelo narrador através de interferências e comentários.

Em *Uma sociedade*, Woolf procura desenvolver sua visão de realidade através da consciência dos personagens e o faz ao apresentar as pontuações no

⁸ 1979, William James apud Ângela Oliveira, *Fluxo de consciência, psicologia, literatura, teatro: Um início de conversa*, 2009, p. 12

⁹ 1954, Robert Humphrey apud Ângela Oliveira, *Fluxo de consciência, psicologia, literatura, teatro: Um início de conversa*, 2009, p. 12

pré-consciente deles, entre um devaneio e outro. De acordo com Daiches quanto ao discurso indireto, Woolf “procura manter o controle da história enquanto esta progride, não apenas para reter seu poder direto sobre o material, mas também para reter sua habilidade de enfatizar o assunto unificante da história”¹⁰.

Segundo Humphrey, “o autor onisciente apresenta o material não dito, como se viesse diretamente da consciência da personagem, mas com comentários e descrições, guiando o leitor através do fluxo”¹¹.

Woolf utiliza a técnica tanto nos seus contos quanto nos romances e incentiva o uso do Fluxo de Consciência, além de demonstrar frustração com a literatura inglesa pela mesmice, quando marca em seu ensaio crítico *Ficção Moderna*:

Registremos os átomos, à medida que vão caindo, na ordem em que eles caem na mente, e tracemos o padrão, por mais desconexo e incoerente na aparência que cada incidente ou visão talha na consciência¹².

Essa citação é importante para compreensão do trabalho da autora e da forte característica de uso e incentivo do Fluxo de Consciência, permitindo que o leitor passeie na mente dos personagens e observe a vida de forma detalhada em suas diferentes e minuciosas perspectivas e sensações da realidade dos personagens.

Daiches marca que “Virginia Woolf [...] estava escrevendo em mundo onde não existia consenso do que seria a realidade, e ao contrário de seus contemporâneos, ela estava muito consciente dessa carência de consenso”¹³.

Sendo assim, observamos o Fluxo de Consciência como um monólogo interior do personagem, elementos que “não são censurados, racionalmente controlados ou logicamente ordenados”¹⁴, ou ainda como um ponto chave da obra que busca a identificação do leitor com as realidades apresentadas na obra em

¹⁰ "She wants to keep control of the story as it progresses, to retain not only her directive power over the material, but her ability to emphasize the unifying factor." David Daiches, *Virginia Woolf: The markers of modern literature*, 1942, p. 70, tradução minha

¹¹ "An omniscient author presents unspoken material as if it were directly from the consciousness of a character and, with commentary and description, guides the reader through it." Robert Humphrey. *Stream of consciousness in the modern novel*, 1954, p. 29, tradução minha

¹² Virginia Woolf. *Ficção Moderna*, 2014, p. 110

¹³ "For Virginia Woolf [...] was writing in a world there was no consensus of opinion concerning what "reality" was, and, unlike some of her contemporaries she was much aware of that lack of agreement." David Daiches, *Virginia Woolf: The markers of modern literature*, 1942, p. 39, tradução minha

¹⁴ "In short, the prespeech levels of consciousness are not censored, rationally controlled, or logically ordered." Robert Humphrey. *Stream of consciousness in the modern novel*, 1954, p. 4, tradução minha

questão, além do “desejo de inteligibilidade, forma e organização”¹⁵, por parte do autor.

5. Metodologia

Esta pesquisa tem como base a modalidade de estudo de caso baseado na teoria do Fluxo de Consciência, focando no conto “*Uma sociedade*”, escrito por Virginia Woolf como uma retórica as críticas comumente vivenciadas por mulheres escritoras numa sociedade patriarcal. Segundo Ventura, o estudo de caso:

[...] é entendido como uma metodologia ou como a escolha de um objeto de estudo definido pelo interesse em casos individuais. Visa à investigação de um caso específico, bem delimitado, contextualizado em tempo e lugar para que se possa realizar uma busca circunstanciada de informações¹⁶.

Esta análise exploratória é um estudo descritivo, o qual, de acordo com L. R. Gay,

[...] envolve a coleta de dados a fim de testar hipóteses ou responder a questões relativas à situação atual do objeto de estudo. Um estudo descritivo determina e relata como as coisas são. Pesquisa descritiva é a pesquisa científica que descreve sobre eventos, fenômenos ou fatos que tratam sistematicamente com determinada área ou população¹⁷.

Sendo assim, o método utilizado nessa pesquisa é o qualitativo, o qual, de acordo com Maanen,

Compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam a descrever e a decodificar os componentes de um sistema complexo de significados. Tem por objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social; trata-se de reduzir a distância entre indicador e indicado, entre teoria e dados, entre contexto e ação¹⁸.

Elementos linguísticos e culturais serão observados, assim como a análise do Fluxo de Consciência dos personagens com suas realidades. Além disso, observações acerca da cena modernista relacionada ao trabalho de Virginia Woolf são parte do suporte necessário para com esta escrita.

¹⁵ “[...] *Virginia Woolf subordinated to the desire of intelligibility.*” David Daiches, *Virginia Woolf: The markers of modern literature*. 1942, p. 70, tradução minha

¹⁶ Magda Ventura. *O estudo de caso como modalidade de pesquisa*, 2007, p. 384

¹⁷ “[...] *involves collecting data in order to test hypotheses or to answer questions concerning the current status of the subject of the study. A descriptive study determines and reports the way things are. Descriptive research is scientific research that describes about event, phenomena or fact systematically dealing with certain area or population.*” L. R. Gay, *Educational Research: Competencies for Analysis and Application*, 1992, p. 217, tradução minha

¹⁸ John Maanen apud José Luis Neves. *Pesquisa qualitativa – características, usos e possibilidades*, 1996, p. 520

O conto *Uma sociedade*, escrito em 1920, foi a principal fonte de pesquisa e análise para este trabalho. A obra teve como inspiração a cidade contemporânea e a realidade social feminina da época e trata-se de um conto com nuances de sarcasmo em resposta às críticas sociais masculinas a respeito da capacidade de sucesso da autora no meio literário.

Arnold Bennett, famoso romancista inglês da mesma época, no seu descontentamento com o início da ascensão feminina na literatura, afirmou que “o homem é superior à mulher, quer do ponto de vista intelectual, quer do ponto de vista da criação artística”. Woolf registrou sua discordância de forma irônica através do seu conto como resposta ao escritor.

Marcaremos determinados momentos de uso do método através de citações e excertos da obra, seguidos de comentários baseados na teoria e suporte previamente mencionados ao longo deste trabalho.

6. Análise de resultados

Tendo como inspiração o criticismo social por parte de escritores de sua época, Woolf traz um conto curto, em que o objetivo principal é a quebra do estigma social de superioridade masculina.

Observamos como ponto inicial a ironia na apresentação das personagens como mulheres ociosas, pouco interessantes, ou até mesmo fúteis, fazendo alusão ao estereótipo feminino construído e alimentado pela sociedade patriarcal:

Um belo dia, seis ou sete de nós estávamos sentadas depois do chá. Algumas olhavam para o outro lado da rua para a janela de uma loja de roupas, em que a luz ainda brilhava fortemente sobre plumas vermelhas e sapatos dourados. Outras estavam muito ocupadas, só que não, na construção de pequenas torres de açúcar sobre a borda da bandeja de chá. Depois de um tempo, pelo menos é o que me lembro, reunimo-nos ao redor do fogo e, como de costume, começamos a louvar os homens, quão fortes, quão nobres, quão brilhantes, quão corajosos, quão belos eles eram e como invejávamos aquelas que, por bem ou por mal, conseguiram se prender a um deles para a vida toda¹⁹.

Podemos interpretar tal trecho de duas formas: podemos considerar a ironia de as mulheres sempre idolatrarem os homens, assim como podemos analisar pelo lado de que é uma ironia até na forma de escrita, visto que nas obras

¹⁹ Virginia Woolf. *Uma sociedade*, 2021, p. 3

literárias escritas por homens, as mulheres eram comumente retratadas como pessoas fúteis e desinteressadas.

Ainda no trecho acima, observamos como a autora faz uso do Fluxo de Consciência através de passeios na mente das personagens, mesmo que em situação de ociosidade e mente divagante. O leitor consegue compreender o tédio das personagens e o sentimento de suposta admiração através da exposição dos pensamentos esbarrados das personagens.

Ao analisar obras distintas da autora, como *Mrs. Dalloway*, Humphrey marca que na escrita de Woolf “as referências e significados são intencionalmente vagos e inexplicados, também existe o elemento de desunidade e de divagação a respeito de um assunto”²⁰.

Dentro da divagação das personagens do grupo de moças, uma delas, Poll, traz à tona o fato de ser obrigada pelo pai a ler todos os livros da Biblioteca de Londres, o que acaba sendo uma espécie de tortura para a personagem. Sobre a constante experiência de Poll na Biblioteca de Londres, observamos como a autora traz uma crítica social quando faz alusão à literatura como leitura da burguesia e o “*The times*”, famoso jornal popular da época, no andar de baixo, como a literatura da massa. Observamos o ponto de crítica sobre a diferença social, como podemos observar na sequência:

Ela nos disse que, como já sabíamos, ela passava a maior parte do tempo na biblioteca de Londres, lendo. Ela disse que começou com literatura inglesa no último andar e o plano era ir em ordem e firmemente até Atualidades no térreo. E, agora, na metade do caminho ou, pelo menos, em um quarto do caminho, uma coisa terrível aconteceu. Ela não conseguia mais ler. Os livros não eram o que nós pensávamos²¹.

Na sequência, ao ler para as amigas uma poesia ruim, Poll questiona se aquela obra teria sido escrita por uma mulher. Nesse momento a autora utiliza a crítica quanto à dificuldade de acesso à literatura por parte das mulheres, usando a ironia para a justificativa social comum na realidade patriarcal de, se uma literatura não for boa, teria sido feita por uma mulher. Observamos como a autora expõe uma situação real, inclusive na atualidade do século XXI. Virginia mostra como o patriarcado influencia nas opiniões, inclusive femininas.

²⁰ “[...] references and meaning are intentionally vague and unexplained; and there is in both of them an element of disunity, of wandering from a single subject.” Robert Humphrey, *Stream of consciousness in the modern novel*, 1954, p. 32, tradução minha.

²¹ Virginia Woolf. *Uma sociedade*, 2021, p. 3

A partir desse olhar crítico e da observação de que algo estranho move a sociedade em prol do homem, diferentemente do que ocorre com a mulher, a sociedade das mulheres desperta questionamentos sobre os feitos masculinos frente à sociedade: seriam os homens realmente bons em literatura? Seriam as mulheres, de fato, incapazes ou intelectualmente inferiores aos homens? Qual seria, então, o papel da mulher? Para tal ideia, observamos o uso do Fluxo de Consciência com as indagações no trecho que segue:

Todas sabemos ler. Mas nenhuma de nós, a não ser Poll, deu-se ao trabalho. De minha parte, dei como certo de que a função de uma mulher era passar a juventude tendo filhos. [...] Enquanto dávamos a luz a crianças, eles, supúnhamos, davam à luz a livros e obras de arte²².

Woolf evidencia a ignorância do pensamento da personagem, ainda que de forma irônica, no que diz respeito a como as funções culturalmente designadas a homens e mulheres tem influência direta na carência literária, política e intelectual feminina.

Na sequência da obra, a autora mostra como a sociedade de mulheres quer investigar o porquê de os homens não cumprirem suas palavras de serem realmente bons (como pessoas, escritores, maridos, pais, etc), e então saem em busca de descobrir como o acesso ao conhecimento influencia no caráter dos homens, e então vão em busca de respostas na universidade de Oxbridge. No nome escolhido pela autora, o qual é uma junção das universidades de Oxford e Cambridge, observamos mais uma crítica irônica quanto à desigualdade de gênero. Essas foram as universidades que mais demoraram a dar acesso a diplomas universitários às mulheres. Dessa forma, Woolf interliga a crítica quanto ao burocrático acesso do conhecimento para com as mulheres durante a história.

Como forma de organização do texto, observamos como a autora utiliza símbolos para unir as perspectivas dos personagens, guiando o leitor entre uma mente e outra, fazendo uso do Fluxo de Consciência. Observamos no trecho que segue, a exploração do grupo de mulheres sobre a vida dos homens na universidade, na descoberta de como a vida dos professores era sem nenhuma criança ou algo que exigisse afeto ou cuidado. Os pensamentos das personagens se entrelaçam, e o leitor pode acompanhar a divagação de duas personagens em seus pensamentos, nos quais Humphrey marca como “uso de símbolos como

²² Virginia Woolf. *Uma sociedade*, 2021, p. 4

elementos unificadores”²³. Marcamos o uso do Fluxo de Consciência de forma entrelaçada em *itálico*, como segue:

[...] Seus documentos são lindamente organizados. Livros em abundância. Não há crianças ou animais, a não ser alguns gatos de rua e um galo velho'. 'Lembram-me', *ela confessou*, 'uma tia minha que vivia em Dulwich e tinha cactos. Você chegava na estufa depois de passar por uma grande sala de estar, e lá estavam, em tubos aquecedores, eram dúzias delas, plantinhas feias [...]'. *Nesse ponto, pedimos que ela voltasse ao assunto*. 'Bem', *ela retomou*, 'quando o professor Hobkin saiu [...]' ²⁴

A própria retomada de memórias da personagem, ao relacionar a organização do lugar a uma antiga lembrança familiar, direciona o leitor a um momento de discurso indireto, a um flashback e ao Fluxo de Consciência da personagem. Analisamos como o trecho pode ser uma própria crítica irônica da autora às críticas recebidas pelas suas obras quando consideramos a ideia de retórica sarcástica inerente frente às críticas a sua escrita.

A simultaneidade de perspectivas, pensamentos e falas observadas no trecho acima é marcada por Humphrey como *spacemontage*, nomenclatura na qual, segundo o autor, personagens são apresentados “a ocuparem o mesmo tempo e espaço”²⁵.

Humphrey marca que “*montage* no sentido de filmagem se refere a uma classe de recursos utilizados para apresentar inter-relação e associação de ideias, como uma sucessão de imagens”²⁶.

De volta ao conto, ao seguir observando os livros dos professores na universidade, Castalia analisa os temas de estudos dos homens e, entre eles, o tema de castidade. Nesse momento da obra, investigamos o uso do Fluxo de Consciência combinado com mais uma ironia a respeito de como os homens, na sociedade patriarcal, são socialmente designados a lidar com questões que dizem respeito às mulheres e suas escolhas. Ao perceber um determinado livro sobre o tema, Castalia reflete que:

Trata-se, em sua maior parte, de uma defesa da castidade de Sappho, o que foi negado por um senhor alemão, e posso garantir como a paixão com que esses dois cavalheiros discutiram, o conhecimento que esbanjaram, a ingenuidade com que disputaram o uso de algum instrumento – *que, para mim, tinha a importância de um grampo de cabelo* – me assombrou,

²³ “[...] makes use of motifs as unifying devices.” Robert Humphrey, *Stream of consciousness in the modern novel*, 1954, p. 56, tradução minha.

²⁴ Virginia Woolf. *Uma sociedade*, 2021, p. 6

²⁵ “[...] its relation in time and space.” Robert Humphrey, *Stream of consciousness in the modern novel*, 1954, p. 56, tradução minha

²⁶ “Montage in the film sense refers to a class of devices which are used to show interrelation or association of ideas, such as rapid succession of images.” Robert Humphrey, *Stream of consciousness in the modern novel*, 1954, p. 56, tradução minha.

especialmente, quando a porta abriu e o professor Hobkin apareceu em pessoa²⁷.

No trecho anterior, em *itálico* observamos a sensação da personagem quanto ao tema pautado, sobre a irrelevância e a indiferença proporcionada atrás do uso do Fluxo de Consciência e do discurso indireto.

Com o passar do tempo, Castalia engravida, quebrando o pacto da sociedade de mulheres, e gera diferentes opiniões sobre a sua permanência naquela sociedade, até que suas parceiras decidem por sua permanência. Entre experimentos, questionamentos e devaneios quanto à suposta superioridade masculina e a homens sendo bons, honestos e apaixonados, chega o momento na história em que as mulheres percebem não ter muitas conclusões ou respostas de fato para o “segredo masculino”. Dentre os questionamentos direcionados aos homens observamos como a autora utiliza do Fluxo de Consciência entre as respostas dos homens, permitindo que o leitor passeie pela incredibilidade das personagens quanto às respostas e justificativas. Entendemos como a personagem está desconfortável e incrédula das respostas recebidas através do uso do discurso indireto utilizado pela autora, como vemos no trecho que segue:

Kensington é um lugar bom para se viver? Onde seu filho está sendo educado, e sua filha? Agora, diga-me, quanto você paga pelos seus cigarros? Falando nisso, Sir Joseph é um barão ou apenas um cavalheiro? *Normalmente descobriríamos mais coisas com perguntas triviais desse tipo do que com aquelas mais diretas.* ‘Aceitei meu título de nobreza’, afirmou Lord Bunkum, ‘porque minha esposa assim desejava’. *Não consigo nem lembrar quantos títulos mais foram aceitos pelo mesmo motivo*²⁸.

Chegando ao fim do conto, as mulheres ouvem pessoas gritando na rua, dizendo “guerra!”, e se questionam que guerra seria essa. Observando que o conto foi escrito antes da segunda guerra, analisamos como a autora deixa passar a ideia de que as informações que importam nunca chegam a elas. Marcamos tal ideia quando a autora traz:

Lembramos, muito tarde, que não nos ocorreu mandar ninguém para a Câmara dos Comuns. Simplesmente, esquecemos. Olhamos para Poll, que tinha lido prateleiras de livros de história da Biblioteca de Londres e pedimos que nos explicasse. ‘Por que os homens vão para a guerra’ perguntamos²⁹.

²⁷ Virginia Woolf. *Uma sociedade*, 2021, p. 6

²⁸ Virginia Woolf. *Uma sociedade*, 2021, p. 9

²⁹ Virginia Woolf. *Uma sociedade*, 2021, p. 11

No trecho acima, a demonstração do Fluxo de Consciência da personagem pode ser atrelada ao que Daiches marca como sinais da autora, buscando “ser sempre mais gentil com o leitor”³⁰.

“Câmara dos comuns”, ou seja, não havia mulheres na política que pudessem tomar conta dos assuntos delas próprias. Por fim, a sociedade chega à conclusão de que todo conhecimento que estavam adquirindo quanto aos meios facilitadores para homens era frustrante e errado, e de que, talvez, teria sido melhor elas não terem aprendido a ler e a analisar o que estão vendo ao redor delas. A autora mostra ao leitor um sentimento de angústia através do Fluxo de Consciência que segue:

‘Nossa’, resmungou Castalia, empurrando o livro pra longe de si, ‘como a gente era besta! Tudo culpa do pai da Poll’, ela continuou. ‘Acho que ele fez aquele testamento ridículo de propósito, forçando a Poll a ler todos os livros da Biblioteca de Londres. Se não soubéssemos ler.’ Ela disse amargamente, ‘ainda estaríamos tendo filhos e ignorância, e eu acho que essa era a vida mais feliz no fim das contas’³¹.

Observamos intervenções da voz da autora marcados em *itálico*, destacando comentários e guiando o leitor ao longo da história. Sobre o estilo de passagens das personagens na escrita de Woolf, Daiches marca que:

não consistência nos incidentes objetivos onde as personagens se encontram, mas nos padrões de consciência que segue um caminho que é apenas parcialmente dependente da sequência cronológica de eventos externos³².

Castalia, tempos depois, dá à luz a sua filha e, a partir daí, Woolf nos traz o Fluxo de Consciência através do cruzamento de fala/pensamentos das personagens pautando o realismo psicológico, marcado em *itálico*.

Eu sei o que você vai dizer sobre a guerra’, ela olhou pra mim, ‘e o horror de ter filhos e vê-los sendo mortos em guerras, mas nossas mães assim faziam, e suas mães, e as mães antes delas. E não reclamavam. Elas não sabiam ler, mas foi em vão. Ontem peguei Ann com um jornal na mão e ela começou a me perguntar se o que estava escrito lá era ‘verdade’³³.

Compreendemos como o fato da curiosidade da criança traz um ponto de esperança para o conto quanto ao potencial da nova geração acerca da luta por igualdade de gênero. Quando o ensinamento compartilhado com a criança é de

³⁰ “[...] Virginia Woolf is always more courteous to the reader”. David Daiches, *Virginia Woolf: The markers of modern literature*, 1942, p. 66, tradução minha.

³¹ Virginia Woolf. *Uma sociedade*, 2021, p. 11

³² “It does not consist in the objective incidents in which the characters are caught up, but in the pattern of consciousness which follows a path that is only partially dependent on the chronological sequence of external events.” David Daiches, *Virginia Woolf: The markers of modern literature*, 1942, p. 66, tradução minha

³³ Virginia Woolf. *Uma sociedade*, 2021, p. 11-12

que ela sempre acredite nela mesma acima de qualquer imposição social, apesar do descontentamento da mãe, observado no trecho acima, o leitor consegue encontrar os anseios de Castalia através dos sentimentos compartilhados por Woolf na personagem, por meio da sequência de atitudes, olhares narrados e devaneios ansiosos. O conto se encerra com a filha de Castalia chorando, o que, não obstante, podemos analisar como uma tristeza pelo fardo que a espera quanto à luta da continuidade da busca pela mudança e igualdade social de gêneros.

7. Conclusão

O presente trabalho investigou a aplicação do Fluxo de Consciência através do uso do monólogo interior indireto no conto modernista *Uma sociedade*, escrito em 1920 pela autora Virginia Woolf como resposta irônica a críticas machistas a respeito do seu trabalho através de uma análise bibliográfica de recursos textuais.

Através da discussão acerca da questão histórica de desigualdade, seguida pela análise do início da ascensão feminina no capitalismo e na literatura, este trabalho, em sua sequência, traz as teorias provenientes da discussão a respeito do uso do método de Fluxo de Consciência. Para tal, investigações baseadas em Humphrey e Daiches serviram como suporte teórico para as análises apresentadas nesta escrita.

Finalmente, em relação ao uso do Fluxo de Consciência, como previamente mencionado, este trabalho teve como objeto de observação a utilização do uso do método utilizado pela autora, observando como o leitor pode ser guiado e aproximado das personagens através da participação nos devaneios e sensações apresentados na obra. Característica imprescindível da autora aqui estudada e importante aspecto da escrita modernista do século XX. Não obstante, observações relacionadas à interpretação do conto, levando em consideração as críticas sociais e ironias como retóricas, fizeram parte da análise de dados deste projeto.

Referências

AZEVEDO, Fernando de. *A transmissão da cultura*. São Paulo: Melhoramentos; Brasília: INL, 1976.

DAICHES, David. *Virginia Woolf: The markers of modern literature*. Norfolk, Connecticut: New Direction Books, 1942.

GAY, L. R. *Educational Research: Competencies for Analysis and Application*. New York: Macmillan, 1992.

HAMILTON, Roberta. *The liberation of women: A study of patriarchy and capitalism*. Routledge Library Editions: Feminist theory series, 2012.

HUMPHREY, Robert. *Stream of consciousness in the modern novel*. Berkeley, CA: Univ. of California Press, 1954.

HUTCHEON, Linda. *A incredulidade a respeito das metanarrativas: articulando pós-modernismo e feminismos*. Trad. Margareth Rago. Labris – Estudos Feministas, n. 1-2, 2002.

OLIVEIRA, Ângela. *Fluxo de consciência, psicologia, literatura, teatro: Um início de conversa*. Cena em movimento, n.1, 2009. Disponível em < <https://www.seer.ufrgs.br/cenamov/article/view/21605/12442> > Acesso em: 06 de janeiro de 2022.

NEVES, José Luis. *Pesquisa qualitativa – características, usos e possibilidades*. Caderno de pesquisas em administração, São Paulo, v.1, nº 3, 2º sem./1996. Disponível em < https://www.academia.edu/download/54648986/PESQUISA_QUALITATIVA_CARACTERISTICAS_USO.pdf > Acesso em: 07 de janeiro de 2022.

VAZQUEZ, Ana Carolina Brandão. *A classe nos use, o gênero nos divide: imbricações entre patriarcado e capitalismo*. Argum, Vitória, v. 10, n.2, p. 125-137, maio/ago. 2018. Disponível em < <https://periodicos.ufes.br/argumentum/article/view/19507/14170> > Acesso em: 11 de janeiro de 2022.

VENTURA, Magda. *O estudo de caso como modalidade de pesquisa*. Revista SoCERJ, Rio de Janeiro, 2007.

WOOLF, Virginia. *Ficção Moderna*. In: WOOLF, Virginia. O valor do Riso. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

WOOLF, Virginia. *Uma sociedade* (1920). Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul, dezembro de 2021.

Referência para citação deste artigo

CAVALCANTI, Alessandra Coely Bertulino. O fluxo de consciência com a retórica irônica em “Uma sociedade” de Virginia Woolf. **Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte**, Porto Alegre, volume 4, número 1, p. 32 – 48, setembro de 2022.